

“Uma pequena colina, construa algo no topo”

Entrevista com Maria Moreira¹

Revista Concinnitas: Quando teve início o seu diálogo artístico com Lygia Pape?

Maria Moreira: Lygia Pape foi minha professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Santa Úrsula, no primeiro semestre de 1979, e retomamos a conversa a partir de 1984, quando comecei a expor meu trabalho e circular no meio. Lygia era muito assertiva, de um modo econômico, e acessível, de uma forma elegante, estava sempre atenta ao que ia surgindo, comentava e com seus comentários validava os trabalhos que lhe interessavam... Por exemplo, em 1990, uma exposição minha na galeria Orlando Bessa Gabinete de Arte, que não existe mais, aconteceu como um efeito deste tipo de ação-comentário: eu tinha ido ver uma exposição na galeria e quando assinei o livro de presença, o Bessa comentou “ah, você é Maria Moreira, Lygia Pape me falou do seu trabalho, traga algo para eu ver”, eu levei um dos objetos situacionais que fazia na época, ele gostou e colocou numa coletiva, e depois me ofereceu uma data para uma individual... então essa ação-comentário da Pape era potente, abria olhares que abriam portas... ela também escreveu uma das duas cartas de recomendação para a minha bolsa de mestrado no exterior em 1994... e quando voltei, em 1997, participamos de uma coletiva – Palavreiro, que foi uma espécie de ação conjunta entre os artistas envolvidos, decidimos tudo em algumas reuniões – título, o projeto gráfico do folder, o projeto expográfico. As reuniões para a Palavreiro, que aconteciam num apartamento em Santa Tereza, acho que era a casa do Adolfo Montejo Navas, foram os últimos encontros que tive com Lygia e é bom que tenham sido encontros de trabalho... depois, em 1998, retornei a Londres para um doutorado e ainda estava por lá quando ela morreu em 2004, num momento em que a recepção do seu trabalho finalmente se internacionalizava.

RC: O que você destacaria do pensamento poético de Lygia Pape?

MM: O que sempre me chamou a atenção foi a maneira como ela preservava uma maestria de linguagem guiada por uma lógica geométrica, como expresso nos Tecelares , no Livro do Tempo, no Livro da Luz Noite e Dia, no Livro das Nuvens, e nas Ttéia, e ao mesmo tempo ia incorporando um diálogo com o contexto de cada época sendo vivida... por exemplo, em 1968 produz o Poema Visual Língua Apunhalada e Divisor, que são trabalhos-irmãos, respondentes ao extremo desconforto reinante na cultura às vésperas do AI5. Neste mesmo ano, Lygia ainda avança a proposição dos Espaços Imantados, como que sinalizando as ilhas de resistência por onde se abrigar, e desde sempre, na cidade... na década de 80, responde com ironia ao “triunfo da pintura” colocando sob o guarda-chuva de um mesmo nome – O Olho do Guará, trabalhos tão díspares como uma escultura cúbica de madeira e várias assemblages de parede feitas com tecidos e neon, sendo que, no fim da década, este polos – 3d, 2d, geometria, ironia, vão colapsar na série Amazoninos, que é brilhante... e finalmente nos anos 2000, novamente temos três trabalhos – o Manto Tupinambá, Carandirú, e New House, que se constroem como faces que olham o social, que se querem imagens-testemunhas...

RC: Como você e Lygia se relacionavam com a ideia de formação em artes?

MM: O vídeo *Jogo de Tênis*, que Lygia produz em 2001, poderia ser tomado como exemplificando a postura que adotava em sala de aula, ela observava como íamos respondendo às proposições meio em aberto que ela trazia, e ia interagindo no ato, com pequenas observações sobre a feitura e sugestões de leituras futuras. Minha experiência de sala de aula com Lygia foi dentro do curso de arquitetura, uma atividade cujo processo criativo tem uma esfera de negociação com o contexto imposta desde a base. E Lygia criava uma dinâmica que se contrapunha à isto, apresentando proposições bem abertas, às vezes resumidas à frases como “uma pequena colina, construa algo no topo”. Esse início vago liberava errâncias, enquanto deslocamento, erro e invenção de percurso, e como ela estava presente, observando, esses deslocamentos não se davam sob a égide de um interlocutor imaginário, dono de um saber enigmático e crítico, mas sim no seio de uma conversa, como troca paulatina de enunciados e esclarecimentos construídos mutuamente.

RC: De que modo as proposições poéticas se expandiam e incorporavam outros espaços?

MM: Creio que este tipo de dinâmica – percursos inventados como troca paulatina de enunciados e esclarecimentos construídos mutuamente, implanta uma confiança sem ansiedade em todos os envolvidos no processo... por exemplo, uma outra proposição de Lygia – “visite seu percurso diário”, ou seja, use olhos de viajante para as ruas do seu dia-a-dia, lembro que seguindo a pauta, pela primeira vez reparei numa árvore que nascia sobre um resto de muro, sob o viaduto próximo à Santa Úrsula. Uma proposição como esta, de visitação do próprio cotidiano, pode se expandir para todos os setores de uma existência, como uma investigação que leve o espaço da mesmice diária a se tornar o espaço outro do viajante... olhos de viajante no corpo do habitante há de ser um dispositivo potente de interação com a cidade...

RC: Esse número da revista Concinnitas aborda a tríade Arte-Educação-Sedução. Recordando que alguns trabalhos de Lygia Pape trataram da sedução, o que você poderia comentar sobre essas relações?

MM: Acho todos os trabalhos de Lygia bem sedutores, eles querem capturar o olhar e te enredar nas suas narrativas de detalhes... o aflorar do erotismos em trabalhos como *Eat Me: A Gula* ou *a Luxúria?*, de 1975, sempre senti como um ato-resposta à pulsão de morte reinante nos Anos de Chumbo [1968 – 1974] da ditadura militar. Quanto à educação de si enquanto artista, o tornar-se vidente pelo desregramento de todos os sentidos de Rimbaud, é incontornável, e para a medida e a escala deste “longo, imenso e estudado desregramento”, a vida me sopra que devemos confiar na “troca paulatina de enunciados e esclarecimentos construídos mutuamente”.

Maria Moreira Maria Moreira é professora adjunta do IART-UERJ e artista contextual que trabalha com ideias de conflito não-oposicional.

1 Entrevista concedida por e-mail à Revista Concinnitas em Julho de 2016.